

Magri oferece reforço para o PRN

Num jantar com Collor, sindicalista promete buscar militantes para a campanha eleitoral

MARA ZIRAVELLO



No decorrer da reunião com os coordenadores da campanha do PRN, realizada na segunda-feira, em Brasília, o candidato Fernando Collor de Mello teve ao seu lado um personagem disposto a carregar para o partido os militantes que faltaram na primeira etapa das eleições: o sindicalista Rogério Magri, presidente da Confederação Geral dos Trabalhadores (CGT), que representa 1.300 sindicatos ou cerca de 15 milhões de trabalhadores espalhados pelo País.

Os dois jantaram juntos no domingo, na mansão de Collor. Comeram macarronada com carne assada, trocaram idéias sobre o segundo turno e brindaram com cerveja. No dia seguinte, Magri era apresentado por Collor a cada grupo que entrava na sala principal do comitê central do PRN para fazer um balanço do primeiro turno em cada região do Brasil. O candidato explicava que o sindicalista pretende reunir a executiva nacional da CGT para definir o apoio da entidade à campanha do partido.

— A partir daí, Magri sairá na luta junto conosco — garantia Collor antes de passar a palavra ao novo amigo, com quem as afinidades começam a partir de um inimigo político comum: Luiz Inácio Lula da Silva, do PT.

— Vou dizer aos meus amigos que nós não podemos ficar omissos — explicava Magri. — Depois da reunião e do consenso da diretoria, não mediremos mais esforços. Vamos panfletar nas portas de fábricas, emprestar carro de som, enfim, colaborar com o que for possível.

Antes mesmo do aval da entidade, porém, Magri já mandou os seus recados. “O cegetista que votar no Lula não tem mais que ficar na CGT”, declarou em alto e bom som. “Quem votar no Lula tem de ir embora da CUT”. Para ele, o voto em seu principal adversário significa quebra da confiança, em especial para discutir questões confidenciais sobre a estratégia sindical.

“Vou fazer crescer um inimigo político?”, pergunta consciente de que nem todo cegetista tem obrigação de votar no Collor. Pode, na visão de Magri, não votar em ninguém. “Democracia tem limite. Como vou confiar em quem votar no Lula?”

Penhorar os militantes da CGT na campanha de Collor pode trazer alguns lucros que o sindicalista não nega: “Na medida em que o Collor ganha, claro que vou ocupar espaço da CUT, assim como se o Lula ganhar a CUT vai ocupar meus espaços”, reconhece. “Negar que brigamos por espaços políticos é como negar a existência de Deus”.

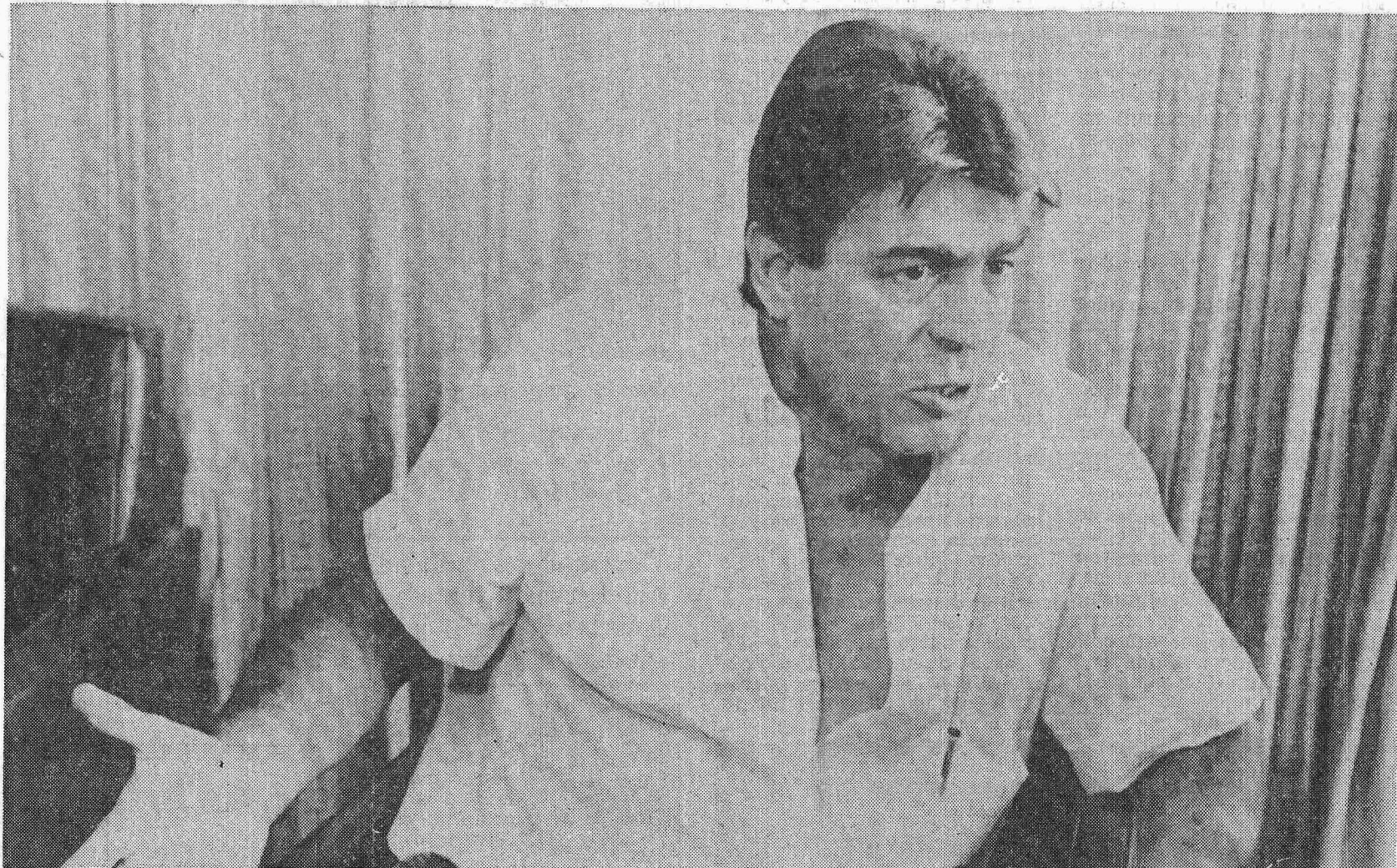
Brigar por espaços políticos, contudo, não representa para Magri um possível choque entre filiados à CGT reunidos em futuros comícios de Collor e os prováveis filiados à CUT convocados para os comícios de Lula. “Ninguém põe o dedo em tomada 220”, compara o sindicalista que por muitos anos comandou o Sindicato dos Eletricistas de São Paulo. “Quem fechar com Collor, vai no comício do Collor”, acredita.

Pelo seu raciocínio, festas políticas maiores são diretamente proporcionais a respeito maior pelos candidatos — e por suas torcidas. E é na torcida que Magri pretende reservar espaço para os associados da CGT. Se os adeptos de Collor, reunidos em torno do candidato, servirem como segurança, Magri nada tem a opor. “Neste caso, seria o mesmo que acontece com outros partidos”, explica.

“Ninguém me pediu para fazer segurança, nem me pediria se me conhecesse”, afirma. “A CGT é um movimento sindical e não policial”, ressalta ao lembrar que Collor, como qualquer outro candidato à Presidência da República, tem direito à proteção oferecida pela Polícia Federal. Na conversa com o candidato do PRN na noite de domingo, quem pediu algum tipo de proteção foi o sindicalista, conforme relata:

— Já roubaram o trabalhador durante muitos anos. Você compreende que ele não pode mais ser roubado? — perguntou a Collor.

— O meu governo fará pagar as contas os que lucraram com as dívidas. O trabalhador não será mais roubado — respondeu o candidato que, segundo Magri, falou pouco e comeu bastante, saudosos da comida da mãe.



Magri: “Negar que brigamos por espaços políticos é como negar a existência de Deus”

Rosana Naggar/AE-3/5/89